



## GT 2: INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

### EMBATES IDEOLÓGICOS E LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE REAÇÕES NO PORTAL COLAB

José Pereira de Assis Filho, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

#### RESUMO

A linguagem neutra de gênero, ao inscrever-se nas disputas políticas e identitárias contemporâneas, tornou-se objeto de tensionamentos discursivos em diferentes espaços. Nesta pesquisa, analisam-se os sentidos construídos por sujeitos que reagiram a uma publicação institucional contrária à linguagem neutra, veiculada no portal Colab da PUC Minas. O objetivo é compreender os modos a partir dos quais os sujeitos enunciadore se posicionam diante da proposta de uma linguagem neutra de gênero, revelando embates ideológicos e tensões valorativas. O *corpus* é composto por 19 comentários que evidenciam vozes sociais em confronto. A pesquisa está fundamentada na Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme os estudos de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004), Bakhtin ([1979] 2015), dentre outros. A análise organiza as falas em quatro blocos temáticos. Os resultados destacam a linguagem como território de disputa simbólica e apontam o papel das instituições educacionais na mediação de discursos em conflito e na promoção da inclusão linguística.

**Palavras-chave:** linguagem neutra de gênero; discurso; ideologia; Bakhtin; Colab.

#### INTRODUÇÃO

A linguagem neutra de gênero, ao propor formas mais inclusivas de nomeação para pessoas não binárias, tem gerado intensos debates sociais e educacionais. Tais discussões vão além da gramática e envolvem disputas por reconhecimento, pertencimento e legitimidade. Em ambientes como escolas e universidades, onde se busca fomentar a diversidade, torna-se necessário refletir sobre o papel da linguagem na construção de sujeitos historicamente marginalizados.

Esta pesquisa investiga como tais disputas se manifestam discursivamente por meio de comentários publicados no portal Colab, da PUC Minas, em resposta à matéria “Linguagem neutra não existe”. A escolha do *corpus* se justifica pela

relevância social e educacional do tema, bem como pela diversidade de posicionamentos apresentados. A Análise Dialógica do Discurso (ADD), desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, orienta o percurso teórico-metodológico da análise. Nosso objetivo é compreender os modos a partir dos quais os sujeitos enunciadore se posicionam diante da proposta de uma linguagem neutra de gênero, revelando embates ideológicos e tensões valorativas.

Para desenvolver a investigação, partimos de uma base teórica fundamentada na ADD, detalhada na primeira seção. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, com destaque para a categorização dos comentários. A terceira parte é dedicada à discussão dos resultados, na qual evidenciamos os embates ideológicos e as tensões valorativas mobilizadas pelos sujeitos. Por fim, retomamos as evidências principais e propomos desdobramentos reflexivos para o campo educacional, com foco na inclusão linguística e no reconhecimento de identidades dissidentes.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

A Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004), Bakhtin ([1979] 2015), compreende a linguagem como prática social e campo de embates ideológicos. Cada enunciado carrega vozes sociais e responde a outros discursos. Assim, a linguagem é espaço de conflito simbólico, no qual se atualizam disputas de poder e identidades.

A linguagem neutra de gênero insere-se nesse cenário, desafiando estruturas tradicionais e ativando forças centrípetas (de padronização) e centrífugas (de inovação e diversidade), conforme Bakhtin ([1979] 2015). Cunha (2021) destaca que esse tipo de embate revela resistências e ao mesmo tempo expressa lutas por inclusão. Segundo Alves Filho (2010), a linguagem opera como arena ideológica, onde sujeitos negociam sentidos e posições sociais.

Prado (2017) enfatiza que discursos polêmicos revelam forças em tensão, permitindo identificar posições em disputa. Holanda (2019), por sua vez, chama atenção para as marcas históricas que envolvem os discursos sobre gênero, ressaltando que questioná-los implica também rever valores culturais arraigados.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e adota como base a Análise Dialógica do Discurso (ADD). O *corpus* consiste em 19 comentários publicados no Portal Colab (PUC Minas), em 17 de fevereiro de 2023, como reação à matéria “Linguagem neutra não existe” (Colab, 2023).

Inicialmente, os comentários foram organizados em um quadro com identificação dos sujeitos e síntese das falas. A análise buscou compreender como os discursos mobilizam valores e se inscrevem em embates ideológicos. Para isso, os comentários foram interpretados à luz dos princípios da ADD e agrupados com base em afinidades discursivas e recorrência de sentidos.

A partir desse procedimento, definimos quatro blocos temáticos. A categorização não seguiu uma classificação prévia, mas emergiu do próprio material analisado, considerando as posições valorativas assumidas pelos sujeitos e suas filiações ideológicas implícitas. Essa estratégia buscou refletir a heterogeneidade das vozes em confronto.

Os comentários foram, então, agrupados nos seguintes blocos:

1. Resistência ativa e rejeição ideológica: oposição direta, com apelos conservadores, morais ou religiosos;
2. Argumentações técnico-normativas e confusas: críticas técnicas ou dúvidas sobre a viabilidade da linguagem neutra;
3. Discursos conciliatórios e ambíguos: tentativas de relativizar o conflito ou buscar equilíbrio; e
4. Adesão crítica e defensiva: defesa da linguagem neutra como instrumento de inclusão e reconhecimento.

A categorização permitiu evidenciar a diversidade de posicionamentos e os embates ideológicos em jogo. A seguir, discutimos os principais resultados, com base nos blocos temáticos estabelecidos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidenciou que os comentários configuram um campo polifônico, onde vozes se confrontam a partir de filiações ideológicas distintas.

#### **Bloco 1 – Resistência ativa e rejeição ideológica**

Majoritário no *corpus*, esse bloco reúne discursos que rejeitam a linguagem neutra com base em argumentos religiosos, morais ou normativos. George Haddad associa a proposta à “tentação do demônio” e à perda da identidade nacional. Egerio Alves Borges resume sua oposição com um dramático “É o fim...”.

Enzo, mesmo se identificando como jovem LGBTQIA+, considera a linguagem neutra uma “aberração feminista” e um erro ortográfico. Erick vê na proposta uma bandeira ideológica que, segundo ele, não beneficia ninguém. André, Rinaldo e Bruno Silva apoiam discursos contrários, com elogios à lucidez ou à clareza de quem rejeita o uso neutro. Já o comentário de “Políticos do Brazil” recorre à agressão direta, ao afirmar: “Quem fala TODOS é RETARDADES!”.

Esses discursos ativam forças centrípetas, voltadas à conservação da norma e à exclusão da diversidade, como analisado por Alves Filho (2010) e Bakhtin ([1979] 2015).

#### **Bloco 2 – Argumentações técnico-normativas e confusas**

Aqui estão sujeitos que não rejeitam abertamente a proposta, mas expressam dificuldades técnicas ou conceituais. Marcelo questiona se a mudança exigiria reformulações em toda a lusofonia, comparando o processo ao Acordo Ortográfico. Analice diz ter estudado o tema, mas afirma que não entende por que “todos” não é suficientemente inclusivo.

Beatriz, em dois comentários, oferece esclarecimentos sobre os pronomes pessoais no inglês, atuando mais como voz informativa. Esses comentários refletem dúvidas legítimas e incompreensões comuns, revelando tensões valorativas não radicalizadas, conforme aponta Prado (2017).

#### **Bloco 3 – Discursos conciliatórios e ambíguos**

Ju declara não se sentir excluída pelo termo “todos”, mas destaca que “inclusão vai muito além do termo usado”. Cristiana e Rogério seguem linha semelhante: defendem o respeito às pessoas acima da escolha linguística. Ao não negar o

problema, mas relativizar a linguagem como solução, esses sujeitos compõem discursos ambíguos, que oscilam entre a empatia e o ceticismo.

#### **Bloco 4 – Adesão crítica e defensiva**

Neste grupo está apenas Valmir, que afirma: “Acredito que a linguagem neutra é um direito social”. Reconhecendo os desafios de implementação, ele defende o uso inclusivo da língua como prática de cidadania. Seu discurso representa uma força centrífuga que propõe transformação, diálogo e representação simbólica (Bakhtin, [1979] 2015; Holanda, 2019).

As análises empreendidas revelam como os sentidos atribuídos à linguagem neutra de gênero são construídos em meio a conflitos de valor e posições ideológicas contrastantes. Com base nesses achados, passamos às considerações finais, onde sintetizamos os principais pontos discutidos e apontamos desdobramentos possíveis.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa demonstrou que a linguagem neutra, ao circular em espaços institucionais, desencadeia embates marcados por tensões ideológicas, incompreensões e conflitos de valores. A maioria dos sujeitos analisados se opôs à proposta, mobilizando argumentos religiosos, normativos ou morais. Contudo, emergem também vozes que relativizam, problematizam ou defendem a linguagem neutra, revelando a heterogeneidade do debate. A linguagem revela-se, assim, instrumento de disputa simbólica e política, não apenas um sistema funcional.

Portanto, concluímos que as instituições educacionais, como a universidade, têm papel estratégico na mediação de discursos em conflito, especialmente ao promover espaços de escuta, debate e formação crítica. Propomos, como desdobramento, ampliar a discussão sobre práticas linguísticas inclusivas em contextos escolares e acadêmicos, a fim de fomentar ambientes mais democráticos e representativos.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, J. M. **A linguagem como arena ideológica**: um olhar dialógico. São Paulo: Cortez, 2010.

BAKHTIN, M. (V.N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lauhd e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2015.

COLAB. **Linguagem neutra não existe**. Portal Colab – FCA/PUC Minas, 2023. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/linguagem-neutra/>. Acesso em: 5 mai. 2025.

CUNHA, A. A. **Ideologia e discurso**: disputas de sentido na linguagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

HOLANDA, M. R. V. **Discurso, gênero e performatividade**: uma abordagem crítica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

PRADO, M. L. **Vozes em conflito**: discurso, poder e resistência. São Paulo: Parábola, 2017.